

RUBEM BRAGA

1232 BARNES, O TERRÍVEL

EM Filadélfia, EE.UU. existe a mais esplêndida galeria de pintura moderna francesa. Pertenceu ela ao doutor Albert C. Barnes, que enriqueceu por ter inventado o famoso remédio «Argirol». Barnes era conhecido como o mais terrível mau humor do mundo ocidental. Chamavam-no mesmo «o terrível Barnes».

Morreu em 1950, com 78 anos, no meio de seus tesouros. Seus discípulos e herdeiros, entretanto, continuam administrando a Fundação, segundo suas ordens expressas.

Eis aqui um orçamento artístico desse museu particular: duzentos Renoirs, cem Cézannes, setenta e cinco Picassos e mais mil telas de Rousseau, Soutine, Modigliani, Chirico, Pascin, alguns quadros da Renascença italiana. O total está estimado em 25 milhões de dólares, tendo ainda o Dr. Barnes gasto 500.000 dólares para fazer a Fundação.

O inventor do «Argyrol» tudo fazia para se ver livre dos intrusos e proteger seu santuário. Vendedor de jornais aos onze anos, foi também jogador profissional de base-ball, a fim de pagar seus estudos, e nunca se envergonhou de sua origem humilde.

Médico aos vinte anos, estudou também química e filosofia, recusando-se uma vez a aceitar um lugar de assistente do Erlich, o descobridor do 606 contra a sífilis. Voltando à América, inventou o «Argyrol», ganhando 44.000 dólares no primeiro ano de venda do produto (1902), e 100.000 dólares no ano seguinte. Fora de suas compras de quadros, detestava mexer com dinheiro, mesmo para ganhar fortunas com facilidade.

Malcriado ao excesso quando se tratava de defender sua coleção, contam que uma vez senhora de prestígio apresentou-se à Fundação em companhia de uma amiga. Daí a pouco, a criada de Barnes vem correndo até as duas, soluçando fingidamente:

— Perdão, madame, perdão, o doutor Barnes acaba de morrer.

Os vizinhos dele costumavam dizer: «Nós sabemos o que aconteceu aos habitantes de Pompéia quando se deu a erupção do Vesúvio».

Barnes, entretanto, tinha seus amigos, poucos mas bem escolhidos: o Embaixador William Bullit, o ator inglês Charles Laughton, o filósofo John Dewey, o professor Einstein. Em companhia de Charles Laughton, gostava de brincar de «gangster» em táxis, a fim de assustar os choferes. Com mais de quarenta anos, inscreveu-se como aluno de John Dewey, com quem manteve fraterna amizade, e a quem Barnes deu uma pensão, em nome de «Barnes Foundation». Dewey o converteu à filosofia pragmática de William James; Barnes converteu Dewey às suas concepções plásticas, tendo este último acabado por escrever um livro «Arte e Experiência», lido página por página a Barnes, antes de ser publicado.

Barnes é também autor de um livro famoso nas universidades americanas: «A Arte na pintura», um tratado de 500 páginas, além de outras obras de menor porte.

Jovem, ele se acreditou com vocação de artista, mas considerando-se incapaz de fazer boa pintura, destruiu mais tarde todas as suas telas. Ticiano, Veronese, El Greco foram os primeiros mestres que ele amou. Depois descobriu Renoir, Matisse, Rouault... Descobriu também um sentido para a sua vida e para a sua fortuna.

Suas viagens a Paris «bouleversavam» o mundo da pintura: em uma só galeria ele comprou 175 Renoirs e 20 Cézannes. E' explicável que os comerciantes de quadro se alvorçassem.

Além disso, adivinhou talentos e futuros mestres. Soutine era de todo desconhecido quando ele comprou de uma vez 52 telas do pintor, que andava morrendo de fome por essa época.

Tinha horror às exposições de grã-finos. Achava que a pintura é o domínio de uma elite, mas democraticamente formada. Muitas vezes admitiu como aluno de sua Fundação um operário, um «garçon» negro, recusando jovens ricos formados em escolas de arte, desde que fossem pretensiosos ou livrescos: «A arte está em relação estreita com a experiência da vida cotidiana» — eis o princípio em que ele acreditava.

Barnes tinha seus gestos: quando Bertrand Russel perdeu sua cátedra na Universidade (por pregar o amor livre), ele o chamou para dar aulas em sua Fundação.

DN - 1.8.68